

A FEIRA DE GADO NA CIDADE: ENCONTROS, CONVERSAS E NEGÓCIOS

Doralice Sátyro MAIA*

*Um fenômeno daquelas regiões, ainda hoje existente,
eram as feiras de gado ou de outros gêneros.
(Capistrano de Abreu)*

Resumo: A análise da feira de gado na cidade de João Pessoa-PB- Brasil compõe a pesquisa que tratou das permanências e das transformações dos costumes rurais nesta cidade. Para tanto, resgatamos primeiramente a história do fornecimento de carne para a cidade. Desde seus primórdios, essa cidade apresentava criação de gado em seus arredores que, por sua vez, supria a população citadina de leite e de carne. Neste espaço urbano, a comercialização do gado realizava-se nas próprias unidades criatórias e, aos domingos, junto com a feira livre de Oitizeiro, no antigo caminho para Recife. Apesar desse tipo de comércio existir na cidade, mais exatamente, nas suas “ilhas” rurais, sabemos que ele não se faz necessário para o abastecimento da população citadina. Atualmente, assim como grande parte das cidades de médio e grande porte nordestinas, João Pessoa possui um parque de exposição onde, anualmente, ocorrem as suas feiras-exposições. Contudo, neste mesmo espaço, aos domingos acontece a feira de gado. Lá, os habitantes/criadores da cidade encontram-se com produtores e negociantes de cidades próximas. Eles vendem, trocam, compram, mas também conversam sobre assuntos que giram em torno da criação de animais.

Resumen: El análisis de feria de ganado en la ciudad de João Pessoa, Paraíba, Brasil forma parte de una investigación más amplia sobre las permanencias y transformaciones de las costumbres rurales en esta ciudad. Para tanto, registramos inicialmente la historia del abastecimiento urbano de la carne. Desde su origen la ciudad ha tenido ganado en sus alrededores el cual ha fornecido carne y leche a su población. En el espacio urbano el comercio del ganado se daba en las propias unidades ganaderas los domingos. Esto ocurría en el mercado del barrio de Oitizero, en un antiguo camino para la ciudad de Recife, Pernambuco. Aunque este tipo de comercio todavía exista en la ciudad, exactamente en sus illas e rurales, no es más necesario para el abastecimiento de los habitantes de la ciudad. Actualmente, la ciudad de João Pessoa, así como la mayoría de las ciudades medias o grandes en Noreste brasileño, tiene un espacio propio para las exposiciones o grandes mercados de ganado. Son los parques de exposición. Pero, en este mismo espacio, los domingos, ocurre la feria de ganado en la que los habitantes de la ciudad, que también son ganaderos, se encuentran con otros productores y comerciantes de las ciudades próximas. Ellos venden, cambian, compran y además conversan sobre ganadería.

Abstract: The analysis of the cattle market in Joao Pessoa is part of a investigation on stays and transformations in rural areas of this city. So, we rebuild the history of urban supply of meat. Since the origin of the city there was cattle around it. The cattle provided meat and milk to its inhabitants. In the urban space the cattle trade was in the livestock units on Sundays. This occurred in the market of the neighborhood of Oitizero, in way for the city of Recife, Pernambuco. Although this type of trade still exist in the city, is no longer needed to supply the city's inhabitants. Currently, the city of Joao Pessoa, as well as most medium-sized or large cities in northeastern Brazil, has a space for exhibitions or large livestock markets. But in this same space, on Sundays, occurs livestock fair in which the city's inhabitants, who are also farmers, met with other producers and traders in nearby towns. They sell, change, and also talk about buying livestock.

1. A cidade e o abastecimento de carne: notas iniciais

Para muitos habitantes da cidade a sua existência é desconhecida, para outros, porém, ela é encontro marcado. Estamos falando da feira de gado que acontece aos domingos no Parque de Exposição Henrique Vieira, localizado na BR 230, no bairro Cristo Redentor na cidade de João Pessoa-PB, para onde se dirige uma população que mantém atividades rurais, particularmente a

* Universidade Federal da Paraíba/ DGEO/ Programa de Pós-Graduação em Geografia. doralicemaia@ccen.ufpb.br

pecuária, ou que lá se faz presente para encontrar velhos amigos ou mesmo relembrar tempos passados, quando vivia na zona rural.

A cidade de João Pessoa está localizada na faixa litorânea, região conhecida como Zona da Mata, densamente ocupada com a produção canavieira. Desde seus primórdios, apresentava criação de gado em seus arredores e em alguns engenhos da várzea do rio Paraíba, que, por sua vez, supria a população citadina de leite e de carne. Contudo, era, nas fazendas interioranas, principalmente na chamada “caatinga”, que estava a grande produção pecuária e de onde provinha a maior parte do gado para os matadouros dessa cidade. Era, portanto, nas terras sertanejas que estava centrada a criação de gado de corte do estado da Paraíba.

Irenêo Joffily, ao escrever sobre a criação e a indústria paraibana no final do século XIX, chama a atenção para a diferença entre os preços da carne vendida na capital e nas feiras de Campina Grande e Itabaiana. Escreveu o autor:

A carne vende-se aqui de 800 a 1\$000 o quilo, ao passo que nas feiras de Campina Grande e Itabaiana, do Estado da Paraíba, tem regulado ultimamente 200 réis e menos!
E a viagem direta daqui até lá não demanda mais de cinco dias! (JOFFILY, 1977, p.217).

Os negociantes de gado, conhecidos como “marchantes”, faziam-se presentes nas grandes feiras de gado do estado, de onde traziam os animais para serem abatidos nos matadouros da cidade. Como bem escreveu José Américo de Almeida, “a população bovina das grandes feiras de Campina e Itabaiana abastece o Estado e mais o Recife.” (ALMEIDA, 1980, p.599).

O abastecimento de carne de João Pessoa era feito através desses marchantes, que saíam em busca de animais de bom corte e de melhor preço. Para isso, percorriam não só as grandes feiras de gado de Campina Grande e de Itabaiana, mas também a de Patos e a de Itambé, entre outras. Walfredo Rodriguez (1994) faz menção ao abastecimento de carne de João Pessoa em sua obra *Roteiro sentimental de uma cidade*. Nesse trabalho, Rodriguez convida o leitor a fazer um passeio, que “ajudado pela memória”, possa mostrar o passado da cidade. Esse passeio inicia-se pelo bairro do Varadouro, na Cidade Baixa, logo, por onde se deu a origem dessa urbe:

O dia está lindo. Brilha o sol numa manhã tropical pelas quietas ruas. Vamos começar a nossa peregrinação pelo bairro baixo, isto é, pelo Varadouro.
Sendo a carne o principal alimento dos paraibanos, ali estão os açougues na Rua da “Viração” — atual Gama e Melo — dois pertencem a Francisco Joaquim de Vasconcelos Paiva, um a José de Oliveira Diniz e outro a Luís Antônio de Sousa que na Rua Maciel Pinheiro tem mais um, na casa nº79.
Essas três figuras de conterrâneos por muitos anos alimentaram a coletividade, com a carne gorda do gado vindo de Itabaiana e que era retalhada a uma pataca o quilo, 320 réis na moeda do tempo. (Rodriguez, 1994:48).

A respeito da procedência do gado para o abate em João Pessoa, vale ainda resgatarmos o registro de outras memórias, desta vez de um antigo corredor de *vaquejada*. Esse senhor recorda-se que costumava correr em um pátio de *vaquejada*, localizado ao lado de um abatedouro. Ele e seus amigos aproveitavam a chegada das reses trazidas das fazendas interioranas para realizar a sua brincadeira: a derrubada do boi. Enfim, o gado, antes de ser abatido era posto nas disputas de *vaquejada*. Conta o entrevistado:

O pátio era do lado do Matadouro. O gado que vinha morrer, a gente corria a tarde todinha, dia de quarta-feira e dia de sábado. Era uma coisa boa! Tinha o dono do gado, né, que era Luizinho Duré, ele que organizava. Era, antes de matar o gado ele botava pra correr. O gado vinha de fora, do interior vinha nos caminhões. O cara trazia o gado pra vender, então vendia o gado a ele e ele botava pra correr. (Odrado Bonifácio, 16-06-98).

Conquanto o município de João Pessoa tenha sempre apresentado uma produção pecuária, essa atividade era representada principalmente pela criação de gado leiteiro. As condições naturais -

os solos com húmus, as várzeas de rios, o calcário litorâneo e a grande umidade - favoreceram a criação da raça leiteira holandesa, como mostra o relato de Heretiano Zenaide:

No Brasil, as primitivas introduções de gado oriundo da Holanda, através da Metrópole e suas possessões, deram origem ao nosso famoso Turino, grande produtor de leite, quando convenientemente tratado, pelo que muito estimado nos estábulos de João Pessoa e Recife. Por força mesmo da conveniência de somente estabular vacas superiores, os donos desses estabelecimentos vêm selecionando seus rebanhos e procurando obter reprodutores de comprovada linhagem leiteira. (Zenaide, 1948, p.44).

Em João Pessoa, a comercialização do gado realizava-se nas próprias unidades criatórias e, aos domingos, junto com a feira livre de Oitizeiro, no antigo caminho para Recife. Era para aí que alguns proprietários levavam seus animais para serem negociados. Logo, sempre existiu a negociação de gado na franja urbana de João Pessoa, seja na feira de Oitizeiro, seja diretamente nos currais, como ainda hoje acontece

†

Apesar desse tipo de comércio existir na cidade, mais exatamente, nas suas “ilhas” rurais, sabemos que ele não se faz necessário para o abastecimento da população citadina. Se já no século XIX grande parte da carne consumida, na então cidade da Parahyba, provinha das terras sertanejas, atualmente, com as rodovias, o aperfeiçoamento dos transportes e a grande circulação de mercadorias, a carne deriva de várias regiões do país, mesmo que se mantenha a antiga forma de comercialização, isto é, a condução de animais nos caminhões-gaiola[‡] pelos marchantes. Esses homens trazem as reses para engordar, em algumas propriedades rurais, e depois serem abatidos, como acontece na antiga fazenda Cuiá, nas proximidades do Conjunto Habitacional Valentina Figueiredo, porção sul da cidade. Ao mesmo tempo, existem os estabelecimentos comerciais que possuem criação própria para o abate, como a CIAN, e, por fim, havemos de anotar que, cada vez mais, as carnes chegam já abatidas aos supermercados, trazidas em caminhões frigoríficos.

Dessa forma, na cidade, por menor que seja a necessidade de abrigar a comercialização de gado para o seu abastecimento, esse tipo de mercado sempre ocorreu: nos estabelecimentos pecuários (vacarias e fazendas), ou na feira. Inicialmente, a feira de animais estava acoplada à feira livre de Oitizeiro. Mais tarde, já na década de oitenta do século XX, ela foi desmembrada, sendo transferida para o Parque de Exposição Henrique Vieira, preservando-se o dia do seu acontecimento, isto é, o domingo. (Figura 1).

À proporção que a cidade foi se expandindo e se transformando em *cidade modernizada*[§] foi ocorrendo a sua funcionalização^{**}. Por conseguinte, nesse processo, tem-se a hegemonia do consumo e do solo-mercadoria. Foi assim ao designarem-se os locais onde seriam instaladas as indústrias, os conjuntos habitacionais, os estabelecimentos comerciais etc. Porém, essa concepção

† Quando percorremos as vacarias e os currais um tanto encobertos e empurrados pela expansão da cidade (Maia, 2000), ao entrevistarmos os seus criadores, estes relataram que costumam freqüentar a feira de gado, muito embora a maneira mais usual de comercializarem seus animais seja através dos negociantes de gado, os quais se dirigem a esses estabelecimentos e lá mesmo vendem ou compram animais.

‡ Em 1948, Strauch observa enquanto peculiaridade da feira de gado de Arcoverde, “a recente maneira de transportar o gado em caminhões. Para tal é adaptado na sua carroceria um forte engradado que, em certas cidades, é chamado de ‘gaiola’.” (Strauch, 1952, p.107). O cercado, ou como escreveu Strauch, engradado dos caminhões-gaiola, era inicialmente improvisado com estacas, muitas vezes, não serradas.

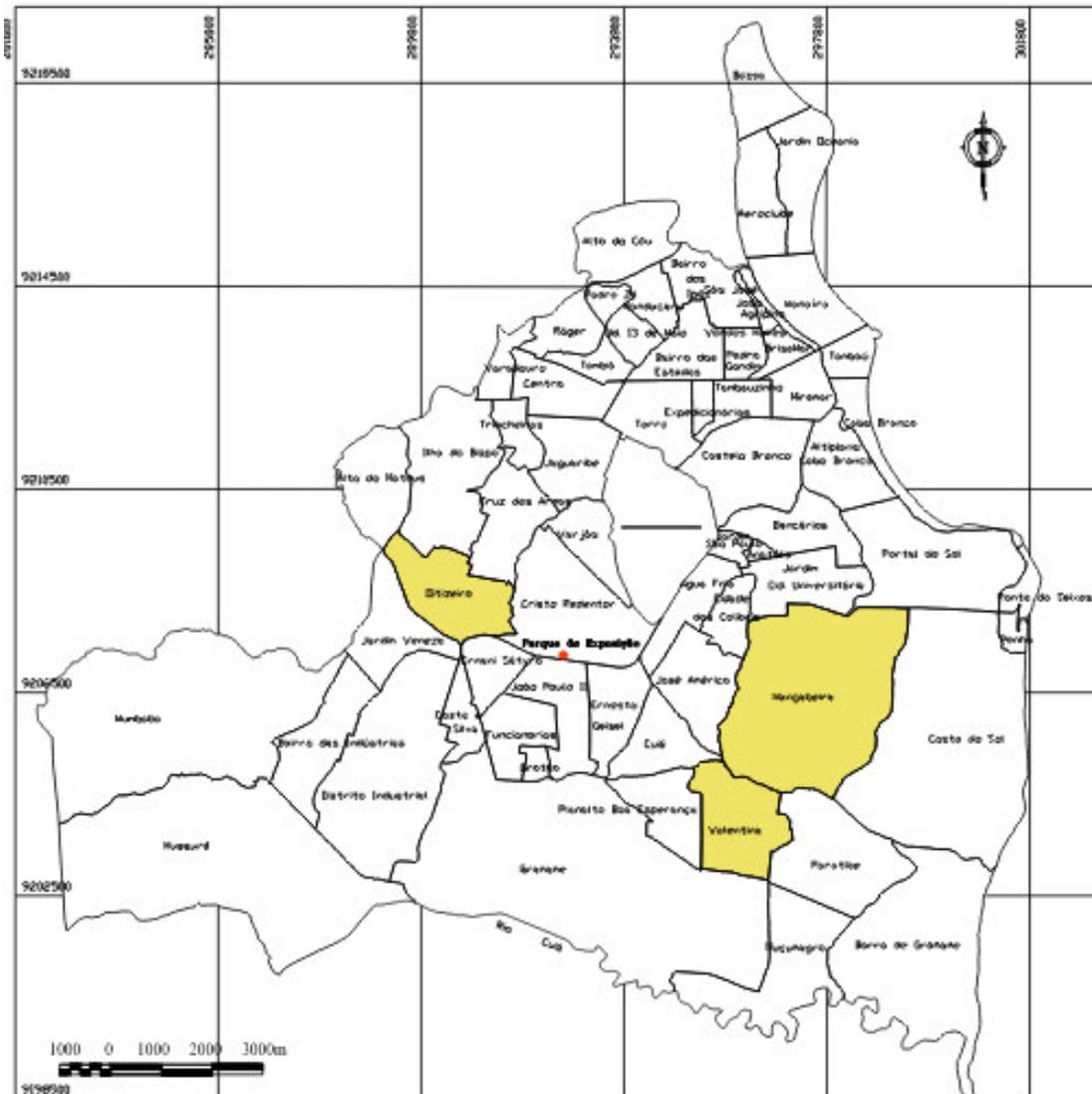
§ Cf. Maia, 2000.

** A idéia de funcionalização da cidade foi concebida por alguns arquitetos que projetaram as cidades modernas. Entre esses destaca-se Le Corbusier, que classificou quatro funções para compor a cidade: habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito e circular. Para cada função dessa destinava-se uma zona separada da cidade. Assim, e ainda segundo Benevolo (1993), a partir da década de trinta do século XX, os planos urbanos apresentavam zonas residenciais, zonas industriais, zonas para serviços etc. Essa concepção de cidade fez com que o espaço urbano fosse fragmentado em lugares pré-estabelecidos e lugares proibidos, dividindo-se em espaços para o trabalho, para o lazer, espaços diurnos e noturnos, espaços para crianças, para velhos etc. E que, portanto, cada emprego exclusivo é por conseguinte redutor e está a serviço de alguma estratégia de homogeneização. (Cf. Lefebvre, 1974, p. 368; 426).

de cidade funcionalizada vai sendo implantada à medida que se tem maiores intervenções do poder público. Nesse processo, a terra rural foi sendo transformada em terra urbana e, conseqüentemente, algumas atividades tiveram que ser deslocadas. Esse foi o caso dos matadouros de animais que forneciam as carnes para os habitantes da cidade. Em 1854, em um ofício dirigido ao Presidente da Província, a Câmara Municipal propõe o deslocamento dos estabelecimentos de abate de animais para lugares mais “apropriados”. No referido ofício, a Câmara Municipal entende

PLANTA DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA - PB

Localização dos Bairros de Mangabeira, Valentina, Oitizeiro e do Parque de Exposição Henrique Vieira Melo



Fonte: Mapa base da Divisão dos Bairros do Município de João Pessoa – Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2008.

Elaboração: LEPAN /Cacilda Bezerra e Maria Simone Soares, 2008.

[...] ser de grande utilidade a remoção do matadouro público do lugar em q. (sic) se acha para à margem do arroio denominado – Riacho – terreno da Santa Casa da Misericórdia, da qual também é propriedade a casa e terreno do existente matadouro. Esse lugar além de ser o mais próprio para matadouro, por ter agora a casa da matança do gado, tem em circunferência proporções para um cercado, para conservação do mesmo gado. (Ofício da Câmara Municipal dirigido ao Presidente da Província em 26 de outubro de 1854).

No mesmo sentido, Heretiano Zenaide, em 1948, alerta para a necessidade de remover-se alguns “estábulo confinados em poucos metros de terreno, quase no centro da cidade” para “local mais adequado” onde poderia ser utilizado o sistema de semi-estabulação. (Zenaide, 1948, p.45).

Essa preocupação — em determinar locais mais apropriados tanto para o abate como para a criação e a comercialização de animais — revela um momento da história da cidade: aquele da expansão da malha urbana de forma mais acelerada e da intervenção do poder público no ordenamento urbano. Em resumo, trata-se da passagem da *cidade histórica* para a *cidade modernizada*.^{††}

Na *cidade histórica* — obviamente que não se tratava de uma característica particular de João Pessoa —, havia uma presença marcante de animais nas ruas da cidade que também eram nela comercializados. Maria Inez Pinto (1994), estudando o trabalho livre e informal na cidade de São Paulo em finais do século XIX e início do século XX, expressa a convivência diária das pessoas com os animais vendidos nas ruas:

A maneira rústica e improvisada com que certos ambulantes conduziam o seu produto, inúmeras vezes tocando os animais soltos pelas ruas, exigia que eles fossem hábeis, experientes e pacientes tangedores. Apesar de atraírem contra si, devido à sujeira e à confusão que seus animais provocavam, as queixas de alguns moradores, a resistência e os atritos com inúmeros comerciantes estabelecidos com lojas nas proximidades por onde circulavam, e a intolerância dos setores encarregados com a limpeza pública, estes ambulantes contavam com o apoio da maioria das donas-de-casa, pois ofereciam produtos a preços mais baixos e conquistavam a simpatia e admiração das crianças que se alegravam com a algazarra e a folia criadas pelos bichos. (Pinto, 1994, p. 126).

Naquela cidade, ainda não dominada e estritamente funcionalizada, a moradia, o bairro, a vizinhança, o trabalho e o tempo livre apresentavam-se estreitamente unidos. Assim, as feiras se constituíam em espaços livres^{‡‡} onde se realizavam o comércio, a troca de mercadorias e também de idéias. Essas feiras vendiam não só produtos agrícolas, mas da mesma forma comercializavam animais — galinhas, perus, patos, porcos e até bois e vacas — para o abastecimento diário.

2. O percurso do gado e a sua comercialização nas feiras do Nordeste brasileiro

Muito já se escreveu sobre a importância do gado para a ocupação territorial e para a fixação da população no interior do Nordeste, assim como para a origem de algumas cidades. Nas palavras de Câmara Cascudo: “os velhos ‘currais de gado’ foram os alicerces pivotantes das futuras cidades. As fazendas coincidem como denominadoras das regiões povoadas.” (Cascudo, 1970, p.84).

Sabemos que as primeiras estradas dos sertões do Nordeste foram os denominados “caminhos das boiadas”. (Figura 2). Câmara Cascudo, ao falar dos caminhos das boiadas pelo interior do Nordeste, destaca duas estradas que “resistiram séculos”:

A Estrada das Boiadas, clássica, depois de Também, limite de Pernambuco-Paraíba, pegava Mamanguape e trazia gadaria para os brejos, na divisão das vendas. A mais antiga das estradas partia a oeste do Espinharas, ribeira de Santa Rosa, Milagres, tocando depois na lagoa do Batalhão (Taperoá), seguia-se o rio, descendo a Borborema até Espinharas e daí a Patos, Piranhas (Pombal), Souza, São João do Rio do Peixe (um ramal recebia a contribuição de Cajazeiras) ia-se ao Ceará pelos Cariris Novos, Icó, Tauá, atingindo-se

^{††} Cf. Maia, 2000.

^{‡‡} Podemos, aqui, ainda nos remeter para aquela idéia de que no período pre-capitalista, por muito tempo, os comerciantes e suas mercadorias simbolizaram a liberdade, a esperança e um novo horizonte. Como bem expressou Huberman (1984), “toda a atmosfera do feudalismo era a da prisão, ao passo que a atmosfera total da atividade comercial na cidade era a da liberdade.” (Huberman, 1984, p.36).

Crateús, inesquecível pelo encontro de centenas de vaqueiros que demandavam o Piauí. (Cascudo, 1956, p.6).

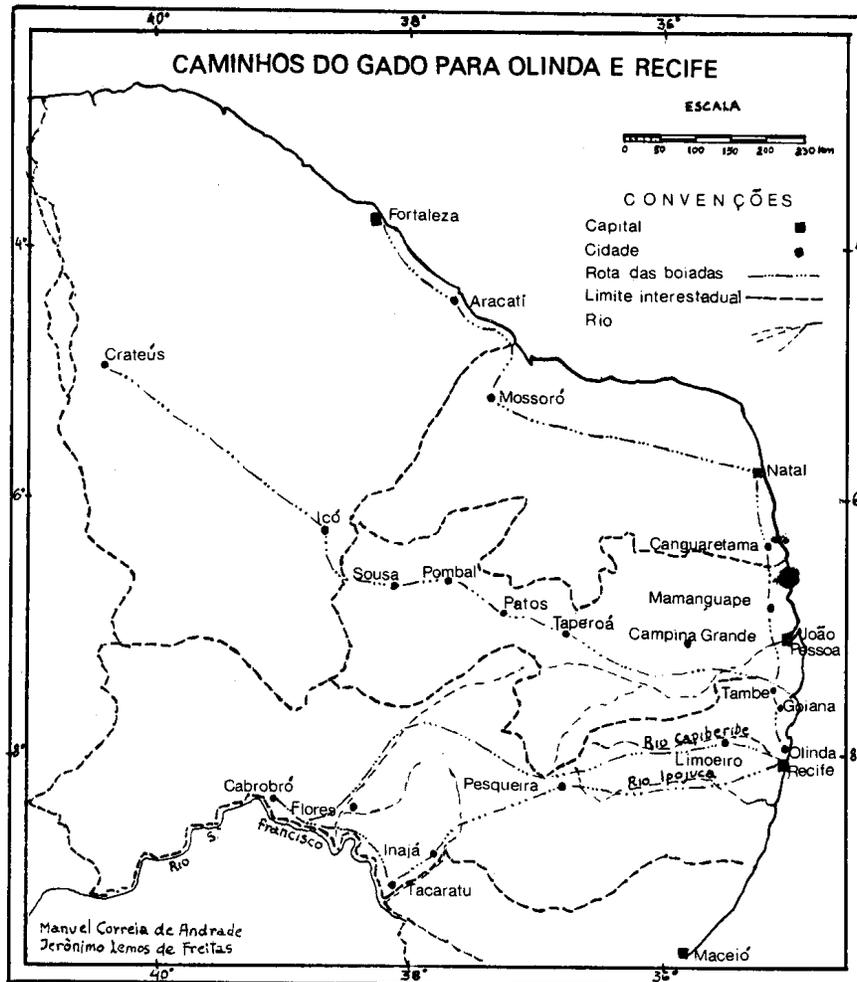


Figura 2: Caminhos do Gado
Fonte: Andrade, 1980.

Note-se que as estradas citadas pelo autor ligavam muitas cidades do interior paraibano, todas pertencentes à região semi-árida ou ao sertão paraibano, à área de pecuária. Esses caminhos que deram passagem ao gado propiciaram o surgimento de vilas e povoados. Conseqüentemente, algumas dessas nascentes cidades situadas em posições favoráveis, “tornavam-se ativos centros de comércio de gado.” Deste modo, escreve Elza Souza, “inúmeras cidades do interior tiveram sua origem em primitivas feiras, como Pedras de Fogo na Paraíba.” (Souza, 1975, p.172). Essas cidades tinham, além das feiras gerais, a sua feira de gado que podia ser de pequeno porte ou estar acoplada à feira geral, mas que igualmente ocorria uma vez por semana, no mesmo dia da feira. Os bois vendidos, nas feiras e mercados das cidades, eram aqueles selecionados durante as *apartações*, proporcionadas pelos fazendeiros da região. Irenêo Joffily, no ano de 1883, escreve uma crônica a respeito do município de Campina Grande^{§§} em que destaca o mercado de gado como um dos

^{§§} Essa crônica foi publicada em 1883 no *Mercantil*, periódico da Capital da Paraíba, e reeditada na sua obra *Notas sobre a Parahyba – Livro II*, 1977.

fatores responsáveis pela visível proeminência da cidade no contexto regional. A respeito desta cidade, redige o autor:

[...] é o primeiro mercado de gado, procurado por todos os negociantes e fazendeiros que partem desde as margens do Parnaíba, na Província do Piauí. Aqui estacionam eles parte do ano, recebendo boiadas e vendendo-as aos negociantes conterrâneos. O negócio de gado portanto liga esta cidade a todos os centros mais produtores da indústria pastoril nas províncias criadoras do norte do Império.” (Joffily, 1977, p..389).

Algumas cidades do interior do Nordeste tornaram-se conhecidas por causa das suas feiras de gado: Quixadá e Baturité, no Ceará; Itabaiana e Campina Grande, na Paraíba; Itambé^{***}, Goiana e Arcoverde, em Pernambuco; Feira de Santana, na Bahia, esta última sendo o maior centro comercial de gado da região.^{†††}

Neil Strauch, em excursão realizada em 1948 ao Nordeste brasileiro, escreveu sobre as feiras de gado nas cidades de Feira de Santana (BA) e Arcoverde (PE). Esse autor observou que as maiores feiras se achavam situadas no contato do sertão com a zona da mata e do litoral e as feiras de gado, no Nordeste brasileiro, constituíam-se como uma forma de comércio tradicional, por ser “ainda uma exigência das condições da pecuária naquela região, sobretudo no sertão.” (Strauch, 1952, p.101).

Excetuando-se Salvador, o grande centro consumidor era Olinda – Recife, e para lá convergiam as estradas e as mercadorias provenientes dos sertões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Nesse trajeto, a primeira feira de gado surgiu em Igaracu – PE, que depois foi transferida para Goiana – PE. Sobre esse fato, encontramos referência na obra *Viagens ao Nordeste do Brasil*, escrita pelo viajante Henry Koster, ao percorrer terras de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte no início do século XIX. Koster, ao conhecer Igaracú, afirma que a “sua prosperidade era devido antigamente a semanal feira do gado, que se reunia num plaino vizinho mas, há poucos anos, mudaram-na para os arredores de Goiana.” (Koster, 1942, p.79). Uma outra alusão a essa feira, encontra-se em uma outra descrição feita desta vez em 1839, por Daniel Kidder, um pastor norte-americano. Após viajar da Paraíba ao Recife, esse viajante relata sua excursão na obra *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*. Nesses escritos, Kidder registra a ocorrência de uma feira de gado, nas proximidades do “Guarassu”. Descreve o viajante:

[...]. Defronte à casa onde paramos, havia uma feira de gado que atraía grande número de curiosos. Parecia fazer parte da feira semanal que se realizava em Pedras de Fogo, localidade situada sete léguas além de Goiana. Nesse lugar havia forte afluência de povo às quartas e quintas-feiras, para comprar, vender e barganhar mercadorias que provinham do sertão ou para lá se destinavam. Para avaliar a quantidade de gente que aí se reunia basta dizer que, segundo nos informaram, é comum abaterem sessenta ou setenta bois para o seu sustento. (Kidder, 1839 In: Riedel, 1959, p.97).

Posteriormente, essa mesma feira de gado é novamente transportada para outro lugar, como bem explicou o historiador Irenêo Joffily: “recuando em seguida para a povoação de Pedras de Fogo nos limites da Paraíba com Pernambuco, onde permaneceu por muitos anos, até que, recuando

^{***} Itambé, em Pernambuco, e Pedras de Fogo, na Paraíba, são cidades geminadas, ou seja, trata-se de uma configuração espacial pertencente a dois municípios de estados diferentes. A divisão territorial dá-se em uma rua central, cujo marco é uma fileira de paralelepípedos em ordem inversa.

^{†††} Rollie Poppino (1968), em seu livro *Feira de Santana* (publicação da sua tese de doutorado), afirma que, antes de situar-se em Feira de Santana, a feira de gado mais importante daquela região era a de Nazaré, ao sul da baía de Todos os Santos, mas que, devido algumas dificuldades encontradas no percurso, cada vez mais, os fazendeiros do interior passaram a enviar o gado para o mercado de Feira de Santana. O autor enumera três razões que justificam a escolha de Feira de Santana para sediar a feira de gado: “Primeiro, porque estava situada no caminho mais direto entre o Recôncavo e as imensas pastagens do Mundo Novo, Jacobina e do médio São Francisco. Em segundo lugar, porque o povoado estava rodeado de excelentes pastagens naturais. A terceira razão, de vital importância para uma zona sujeita a secas periódicas, é que a região era atravessada por dois rios e por numerosos riachos.” (Poppino, 1968, p.56).

sempre, foi ter às margens do rio Paraíba, onde é feita atualmente na cidade de Itabaiana, nas terças-feiras de cada semana.” (Joffily,1977, p.226). Esse acontecimento confirma-se nos escritos de Gustavo Barroso (1912). O referido autor, ao falar das transações comerciais do alto sertão cearense, explica que todas elas escoavam pelo Recife e outras cidades de Pernambuco. E ainda que o gado era conduzido à clássica e concorrida feira das Pedras de Fogo, nos limites de Paraíba com Pernambuco.

O criador cearense enviava suas boiadas à feira paraibana; vendia-as, e com o Produto comprava fazendas e objetos de fácil venda no sertão. Muitos fazendeiros levavam em pessoa os seus bois; outros – o que era mais corrente – tinham homens especialmente encarregados desse árduo serviço. (Barroso, 1912, p. 110).

Segundo Elza Souza, o comércio de gado no Nordeste era quase todo feito nas feiras, “que em dias certos da semana se realizavam em determinadas cidades e vilas que, por sua posição como entroncamento de estradas, pela proximidade dos mercados consumidores ou, então, das zonas de criação, apresentam-se como centros propícios a tal comércio.” (Souza, 1975, p. 174). A realização da feira de gado em cidades interioranas provocava intenso movimento naqueles espaços, normalmente de vida pacata e tranqüila. Descreve a autora supracitada:

Cidades pequenas, calmas e quietas, vivem elas horas de intensa agitação, movimento e balbúrdia nos dias de feira.

Das fazendas de toda a vizinhança chegam as boiadas, guiadas pelos vaqueiros, às vezes pelo próprio fazendeiro ou, então, por homens contratados especialmente para tal fim e que no Ceará são chamados “passadores de gado”.

[...].

E no dia da feira, o gado todo destinado à venda é reunido numa praça, às vezes aberta, outras vezes rodeada com cerca de arame farpado ou de madeira, que separam pequenas divisões para os diferentes tipos de gado. Embora nestas feiras predomine, geralmente, o gado bovino, também cavalos, burros, carneiros, cabras e porcos são aí vendidos. (Souza, 1975, p174-175).

Quando entrevistamos um antigo vaqueiro, atualmente habitante da pequena cidade de São José de Espinharas, no interior da Paraíba, ouvimos seu relato a respeito da feira de gado da cidade de Patos^{***}. Sr Antônio Sueca contou-nos que todas as semanas levava cerca de 100 bois da fazenda onde trabalhava para a feira de gado em Patos:

Levei muito aqui pra Patos. No tempo de Dr. Clóvis, né? Pra Patos, pra vender! Aí também foi o tempo que mudaram essas feira, né? Mudaram essas feiras de Patos...! Aqui tinha muito gado em Patos...! Hoje em dia não, acabou-se! Aqui tudo acabou-se...! Não matam mais um [...] hoje em dia! Não matam mais o que dá pra uma feira...! Antes era tudo pra feira! Pra feira de Patos! Hoje em dia, é cá fora, mas de primeiro era ali em São Sebastião, ficava mesmo dentro da rua. Na rua São Sebastião. Olhe, certo dava gado, dava... tinha feira que dava dois mil bois, mais de dois mil bois...!

Tinha feira de lá de fora ficar qualhado de boi porque não cabia nos currais...! Era! Não cabia nos currais...! Era, dois repartido em um, era dois repartimentos de curral, num salão só. Grandão! E os outros eram tudo, aquele outro salão, tudo repartido de curraizinhos. Agora, os curraizinhos, cabia, cabia quase cem bois! Cada curral daquele...! Cada curral daquele cabia quase cem bois! Era! Cem bois! Nós levamos muitas boiadas de cem bois e cabia tudo num curral só! Toda semana! Aqui teve tempo olhe, do Doutor vender dois mil bois por ano! Dois mil bois! Por ano! E ficava boi aí, como diabo! Tinha dia que ficava aqueles bois novos, ele mandava tudinho! (Antônio Sueca, São José de Espinharas, 28/02/98).

As palavras do Sr. Antônio mostram bem a forma como se dava o abastecimento das cidades: através das suas áreas circunvizinhas. No exemplo citado por ele, a cidade de Patos era

^{***} A cidade de Patos está localizada na Depressão Sertaneja e dista de João Pessoa 304 km.

abastecida pela produção pecuária de áreas vizinhas, a exemplo do município de São José de Espinharas. Podemos também extrair desse depoimento a dinâmica existente nesses municípios interioranos, onde o incremento da feira de gado fomentava a feira semanal da cidade, bem como as atividades comerciais de um modo geral. Como Elza Souza, Câmara Cascudo e Gustavo Barroso afirmaram anteriormente, os vaqueiros, os sertanejos ou mesmo os fazendeiros, ao se dirigirem às feiras de gado, aproveitavam para abastecerem-se dos mais diversos artigos, nas feiras das cidades como também para “fazer uma consulta médica, comprar algo na farmácia, ou mesmo se consultar com o “farmacêutico”. Outros se encontram na barbearia e, enquanto o barbeiro ganha também o seu pão, conversam sobre os mais variados assuntos.” (Vieira, 1986, p.16). O dia da feira pode ser também o dia para ir ao correio ou mesmo receber notícias de parentes e amigos distantes através de terceiros e ainda o dia da conversa com os políticos locais, de se cobrar a “passagem da máquina na estrada” ou outros “favores” ainda não recebidos. Assim, apesar de acontecerem em locais distintos, havia uma sintonia entre as duas feiras, a de produtos agrícolas e a de animais. Mesmo os animais sendo expostos em currais, eram dispostos nas ruas da cidade, onde se aglutinavam os negociantes, os fazendeiros, ou simplesmente curiosos.

Percebemos, portanto, que as feiras de gado de maior destaque se encontravam na região semi-árida, caracterizada pela produção pecuária, ou nas “regiões de transição” entre o litoral e o sertão, como é o caso de Feira de Santana, na Bahia e Campina Grande, na Paraíba. Todavia, os “marchantes”, faziam-se presentes onde tivesse comércio de gado e eram eles os principais responsáveis pelo abastecimento de carne a abatedouros das cidades litorâneas que, por sua vez, correspondiam aos maiores centros consumidores da região.

O vaqueiro Antônio Sueca, ao qual nos referimos anteriormente, costumava semanalmente conduzir boiadas para a feira de Patos. Nessa feira, ele encontrava tanto negociantes, como animais de várias procedências. Nas palavras do Sr. Antônio Sueca:

Esse gado todo era pra açougue. Era! Campina vinha comprar aqui. Vinha comprar aqui. Porque de primeiro ia gado daqui pra Campina, né? Aí, ficou [...] não ia boi pra Campina. Vinham comprar aqui. Tinha muito marchante...! Olhe, tinha Giló, João Duré, Severino [...], tinha como diabo! Marchante! Vinha muito boi, como de Campina como do resto daqui de Cajazeiras, desse mundo todo vinha boi pra Patos. Era! (Antônio Sueca, São José de Espinharas, 29-02-98).

Atualmente, as boiadas já não abrem e nem traçam caminhos. Às vezes, encontramos algumas boiadas que transitam nas estradas, mas que fazem curtos percursos. No presente, o mais comum é que elas sejam transportadas em caminhões para os abatedouros e também para as feiras de gado. Nesse processo, há, por conseguinte, uma ruptura no processo de trabalho do vaqueiro que também era o condutor das boiadas.^{§§§} Com a introdução do caminhão-gaiola, o vaqueiro é

^{§§§} Cabe aqui registrar que alguns autores se referem aos condutores de gado utilizando a denominação *tangerinos*. Estes teriam sido figuras características nos sertões em tempos anteriores. Octavio Pinto publicou artigo na *Revista Brasileira de Geografia*, nº4, intitulado “O tangerino”. Nesse trabalho, o autor diferencia o *vaqueiro* do *tangerino*. Segundo o autor, este último conduz as boiadas para as feiras de gado, “não anda vestido de couro nem sabe montar. Traja sempre roupa comum, chapéu de palha de carnaúba, alpercatas, chicote, trazendo às costas a rede dentro de uma saca de couro e os utensílios para preparar as suas refeições.” (Pinto, 1975, p.228). Uma outra referência a essa denominação para os condutores de gado, extraímos das crônicas memorialistas escritas por Gastão de Medeiros que conheceu três tangerinos na cidade de Sousa, no sertão da Paraíba. Escreve: “Eles conhecem palmo a palmo as estradas do sertão. Seus pés pisaram os mais diferentes caminhos, andaram por tangentes que encurtam as distâncias. Onde exista uma pousada amiga, onde fica a pastagem certa, onde está o bebedouro exato, qual o abrigo acolhedor, enfim, eles conhecem como ninguém, o sertão.” (Medeiros, 1979, p.89). Contudo, escritores como Euclides da Cunha, referiram-se aos *vaqueiros* como também condutores de gado. Nas suas palavras: “São os autocratas das feiras. Dentro da armadura de couro, galhardos, brandindo a *guiada*, sobre os cavalos ariscos, entram naqueles vilarejos com um desgarre atrevido de triunfadores felizes. E ao tornarem — quando não se perdem para todo o sempre sem tino na *travessia* perigosa dos descampados uniformes — reatam a mesma vida monótona e primitiva [...]” (Cunha, 1995, p.91-92).

destituído dessa antiga tarefa, que se expressa nas palavras do vaqueiro supracitado: “nada se compara ao prazer de se tanger o boi”. (Antônio Sueca, 20-02-99). Além disso, o tempo que se gastava para o transporte do gado era longo. Mais uma vez, faremos uso das memórias do vaqueiro Antônio Sueca para melhor elucidarmos essa idéia:

O gado gordo anda até depressa, mas o gado magro demora como diabo! Gado magro leva mais de uma semana, agora o gordo tira depressa, numa semana ele está aqui. Porque gado não viaja muito não, agora... o maior [...] de gado é cinco léguas...! Gado anda devagar...! Muito devagar...! E deixando ele ir devagar, ele fura o mundo daquele jeito! Mas se apertar ele, aí ele anda pouco..., apertando ele é pior, e deixando ele andar devagarzinho, naquela pisada dele, olhe, uma só [...] nesse mundo...! (Antônio Sueca, São José de Espinharas, 29-02-98).

Com as grandes mudanças no sistema de transporte, o tempo de condução do gado, como de todas as mercadorias, foi reduzido, aumentando o lucro do fazendeiro e do negociante. Por outro lado, as feiras deixaram de ser o espaço do comércio de gado, até mesmo porque a facilidade com que se traz a carne já abatida em caminhões frigoríficos de terras mais longínquas provocou uma queda no comércio de gado regional. Aquela dinâmica das feiras de gado existente, até os anos cinquenta do século XX, já não existe mais. Contudo, as feiras de gado semanais continuam acontecendo, constituindo-se em pontos que reúnem negócios e homens rurais na cidade.

3. Na capital também tem feira de gado!

Reafirmamos que a cidade de João Pessoa por se situar na faixa litorânea nunca foi sede de uma feira de gado de destaque. Ela estava à margem dos caminhos de passagem do gado que desde os primórdios da ocupação territorial, sempre se direcionaram para o sertão. Porém, no momento em que teve início à intensificação do processo de expansão da sua malha urbana, essa cidade passou a representar o mais importante centro consumidor dentro do contexto estadual. Além disso, a forte presença de uma população proveniente das regiões interioranas do estado fez com que aqui também se comercializasse gado, seja para ser criado nas pequenas propriedades locais, seja para o abate.

Esse comércio de gado, como expomos anteriormente, era mais freqüentemente realizado nas próprias unidades criatórias, contudo também acontecia na feira de Oitizeiro, para onde pequenos criadores locais levavam algumas reses para serem vendidas. A partir da década de oitenta do século XX, com a instalação do Parque de Exposição Henrique Vieira, o comércio de gado foi deslocado da feira de Oitizeiro para o novo estabelecimento. De acordo com informações obtidas na Secretaria Estadual de Agricultura, a feira de gado foi transferida para as instalações do parque de exposição, tendo em vista facilitar o controle pela Vigilância Sanitária dos animais ali comercializados.*** É então, no Parque de Exposição, que, aos domingos, acontece a feira de gado de João Pessoa, denominada por alguns de “feirinha” e de “feira de Oitizeiro” por aqueles que insistem na antiga denominação. Assim é que, para alguns habitantes dessa cidade, o domingo é dia de feira de gado.

Nas manhãs de domingo, quando a cidade amanhece mais quieta, alguns cavaleiros despontam de diversas partes, principalmente da área sul da cidade, em direção à feira de gado. Os caminhos por eles percorridos nem sempre correspondem aos trajetos das ruas e avenidas, pois aproveitam os canteiros, os terrenos baldios e/ou as várzeas dos rios para cruzarem a cidade e chegar ao local desejado. Aos poucos, vão reunindo-se aos carroceiros e aos boiadeiros que trazem em seus caminhões-gaiola o gado para ser negociado. Somam-se a esses, outros veículos e bicicletas conduzindo proprietários rurais, pequenos criadores ou apenas curiosos. Na feira de gado, operários da construção civil, comerciantes, vigilantes, motoristas de ônibus, médicos, advogados e

*** Cabe registrarmos que há apenas dois anos, passou-se a exigir a vacinação dos animais nessa feira de gado.

pecuaristas, que têm em comum o “gosto pelo gado”, aproveitam a manhã de domingo para se encontrar, conversar, “olhar o gado” e também fazer negócios. São homens comuns que, durante a semana exercem as suas diversas atividades, seja no setor formal, seja no setor informal da economia e, aos domingos, seguem para aquele espaço onde podem lembrar sua antiga condição de homem rural, sonhar em ter alguma criação, conversar sobre assuntos que dizem respeito à criação ou ainda realizar pequenos negócios, que são o seu divertimento ou a sua estratégia de sobrevivência no meio urbano.

A feira de gado, que ocorre normalmente nas dependências do Parque de Exposição, utiliza os currais desse estabelecimento para exibir os animais, porém, há uma divisão interna que não é dada simplesmente pelos currais, mas também pelos frequentadores e pelo tipo de animal exposto. De um lado, na área dos maiores currais, fica o gado bovino, separado em lotes dos proprietários.

O tipo de animal é diversificado, tendo alguns de raça e outros “mais fracos”, na expressão utilizada pelos entrevistados. Do outro lado, ficam os burros e os cavalos mestiços, amarrados nas cercas dos currais. Aqui, há uma grande quantidade de carroças, pois o maior número de animais é para tração, não havendo quase equinos para montaria. Trata-se principalmente de uma feira para uma população de baixa renda, uma vez que muitos ganham a vida com as suas carroças e até desejariam ser criadores de gado bovino.

Os animais chegam em caminhões, camionetas ou mesmo puxados por seus donos, dependendo da quantidade e da distância transposta. Os caminhões-gaiola geralmente pertencem aos negociantes de gado. São os denominados “marchantes”, homens que vivem da compra e da venda de gado e que frequentam várias feiras durante a semana. Conversamos com o Sr. Dario, conhecido comerciante de gado no sertão. Ele reside próximo à BR 230, Km 78, no município de Sapé. Vem com seu caminhão todo domingo para essa feira de gado negociar algumas reses, mas também costuma frequentar a feira de Campina Grande que acontece às quartas-feiras. O seu lucro em cada rês vendida varia de 10 (dez) a 30 (trinta) reais. Ele estava vendendo uma bezerra vermelha por R\$ 600,00 (seiscentos reais). O seu gado apresentava uma qualidade superior aos outros e ele afirmava: “aqui tem muito gado, mas desta qualidade não tem não.” Sr Dario, ao chegar na feira com seu caminhão, foi cercado por alguns interessados que começaram a olhar os animais trazidos e a questionar o preço, a origem etc. Deu-se então início à negociação. Outros “marchantes” costumam também levar seus animais para a feira de Pedras de Fogo^{†††}. Notemos que as feiras de Campina Grande e de Pedras de Fogo ainda se destacam, pois são as mais citadas pelos comerciantes. Um dos frequentadores, que estava apenas olhando o gado no curral, mencionou a importância da feira de gado de Campina Grande, disse ele: “boa é a de Campina! Lá até leite você toma!”

Na feira, os habitantes da cidade encontram-se com os produtores e com os negociantes de cidades próximas. Ao entrevistarmos os proprietários das vacarias, todos mencionaram a feira como um lugar frequentado por eles para comprar ou vender algum animal ou mesmo para “olhar o gado”. Como explicou o Sr. Noé:

Este ano ainda não fui ainda não. Mas tem tempo que vou uma vez por mês, duas vezes. Tem uma amigo que diz: — Vamos Sr Noé, olhar. Aí, eu vou. O ano passado ainda comprei um bicho lá. Não teve futuro deixei. Uma semana desta um parou a camionete ali com a boiadeirazinha cheia de gado: Sr Noé, tenho uma vaca boa pra trocar com você. Eu disse: Quero não! Sr Noé, apareça na feira olhe uma novilha aí. Rapaz, quando dé certo eu apareço. (Sr. Noé, proprietário de vacaria na avenida Tancredo Neves, 25/03/99).

Os homens na feira de gado geralmente usam chapéus, calçam botas, seguram uma varinha que serve para tocar, ou, como eles dizem, “cutucar” os animais e alguns ainda possuem telefone celular. Entram nos currais quando querem examinar os animais e sempre cumprimentam uns aos outros. Distribuem-se em círculos em torno dos currais ou dos animais onde travam longas

^{†††} Feira citada anteriormente quando falamos das feiras que surgiram em decorrência dos caminhos de boiadas.

conversas, utilizando uma linguagem própria. Falam da situação do sertão “o sertão está sem gado e tem comer!! Está todo bom! Faz três anos que não via assim !”; acertam o transporte de algum animal, como de um touro guzerá que estava em uma granja próxima ao Distrito Industrial e precisava ser levado para Bonito de Santa Fé^{****}; conversam sobre a produção leiteira de uma vaca ou outra e a respeito de doenças e mortes de animais; contam histórias de compra de gado, utilizando a palavra “contos” para expressar a quantia, como vinte e cinco mil contos; falam do preço da ração e dos animais: “farelo baixou de 10 para 4!” “As bezerras estão num preço danado, rapaz!” Estas “rodinhas” distribuem-se no entorno dos currais ou dos animais, porém manifestam as diferenciações de classe dos seus freqüentadores. (Figuras 3, 4 e 5)



Figura 3:Feira de gado na cidade de João Pessoa-PB. Em um domingo defronte ao Parque de Exposição. Negociantes e pequenos criadores olhando os burros que estão a venda.

Foto: Doralice Maia

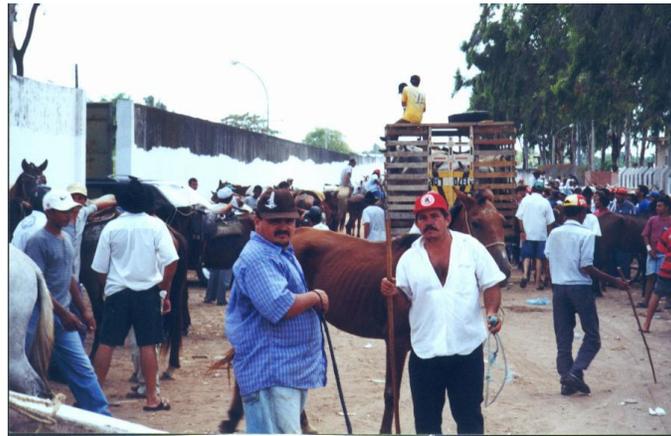


Figura 4: Negociantes na Feira de Gado em João Pessoa-PB com suas varinhas para melhor avaliar os animais. Em segundo plano observa-se o caminhão descarregando os animais.

Foto: Doralice Maia

^{****} Município do estado da Paraíba, localizado no sertão paraibano, limítrofe com o estado do Ceará e a 542 km de João Pessoa.



Figura 5: Homens freqüentadores da feira em conversa em torno do curral quando observam os animais a venda. Feira de gado no interior do Parque de Exposição.

Foto: Doralice Maia

Alguns pequenos criadores desfilam com seus animais anunciando-os: “baixeiro de nascença e é pra vender! Barato! Dou por 151 cruzeiros e dou barato! ou “vaca e bezerro, bezerro e vaca!” Outros reclamam de que a feira já não é a mesma, pois “antigamente vinha menino chorão, pedia um podrinho e o pai comprava! Agora ninguém vende mais nada!” Na compra de um animal, podem ser negociados outros objetos como bicicleta, carroça ou trocados por outro. Verificamos que a feira, apesar de ser um lugar de comércio, combina, de modo *sui generis*, o tradicional e o moderno, uma vez que se realiza em lugar “apropriado” com algum controle sanitário, porém permanecem as relações pessoais do tipo comunitário: aquelas relações face a face, nas quais o conhecimento prévio dos interlocutores fornece as bases da garantia. (Tönnies, *apud* Rigamonte, 1997, p.39). Esse tipo de relação interpessoal pode ser representado pela fala de um negociante: “Eu tenho um molho de gado pra lhe vender! Tenho trinta e sete, num preço! Dez vacas que foram de Ademar, tudo parida!” O preço, além de ser negociado “face a face”, pode ser descontado através do recebimento de outra mercadoria, como uma bicicleta, uma carroça ou mesmo um outro animal. Essa negociação passa também pela referência à procedência do animal e aí está embutido o conhecimento dessas pessoas, pois, quando se fala de quem era o animal, faz-se a sua identificação e sempre está se falando de pessoas conhecidas, ou seja, todos sabem “com quem estão falando”, porém não no sentido destacado por DaMatta, em que há demonstração de relações hierarquizadas.^{§§§§} Mas, como revelação da permanência do domínio das relações interpessoais, nesse espaço, em que se encontra o contato direto entre as pessoas e o reconhecimento das pessoas com o lugar. Em outras palavras, nesse espaço de mercantilização, a mercadoria ainda está associada ao seu dono.

De um modo geral, no comércio da feira de gado dominam relações pessoais, mas isso não altera o fato de ser o gado objeto mercadológico. A singularidade existente é que a mercadoria-gado ainda não fala por si mesma, como acontecem com as demais mercadorias nos supermercados. Pois, como observou Néstor Canclini (1983), no supermercado, não há necessidade de comunicação, “as

^{§§§§} Roberto DaMatta, ao estudar a sociedade brasileira, analisa a distinção entre o indivíduo e a pessoa no Brasil, debruçando-se sobre o emprego da expressão “Você sabe com quem está falando?”, veementemente utilizada pelos brasileiros quando querem demarcar posição hierárquica, ou mesmo de patronagem nas relações sociais. Essa expressão com esse significado é sempre utilizada na sua forma interrogativa, que, como explicou o referido antropólogo, no Brasil, surge como “um modo evidentemente não cordial —porque muito positivo — de interação social.” A forma interrogativa está associada ao inquérito, à suspeita. Em outras palavras, afirma DaMatta, “o “Você sabe com quem está falando?” é uma recusa exaltada do “não saber”, já que ela impede que o interlocutor deixe de saber com quem está interagindo.” (DaMatta, 1990, p.159-160).

relações de apropriação individual dos objetos se realizam silenciosas e solitárias.” (Canclini, 1983, p.96). É por isso que, nessa feira, nesse encontro, nessa reunião, por nós analisados, há um reforço dos vínculos de lealdade e reciprocidade e da construção de diferenciações. Aqui, a comunicação entre vendedor e comprador faz-se necessária, não se tratando apenas de uma transmissão de simples informações, mas sim de um diálogo, em que as pessoas têm voz própria, isto é, as frases não foram dadas prontas para serem decoradas. Por isso, há uma exposição recíproca entre vendedor e comprador, que se expande para todos os outros.

A feira é um lugar de negócios, que se dão de forma particular, exigindo muita conversa até concretizar-se a venda. A maioria dos animais vem das pequenas propriedades do interior e dos arredores da cidade, sendo algumas levadas trazidas de municípios do interior do estado, daqueles que distam até 200 km, mas também de outros mais longínquos, situados na região semi-árida. Conversamos com o Sr. Eraldo, natural do município de Catolé do Rocha, no sertão da Paraíba e que há cinco anos reside em uma pequena propriedade — uma vacaria — no vale do rio Cuiá, adquirida na “sobra da construção do conjunto”, como bem expressou.^{*****} Sr Eraldo é mecânico, mas também é negociante de gado ou “marchante”. Ele falou que costuma comprar gado no interior do estado de Pernambuco, em Conceição do Piancó^{†††††}, e que, toda quarta-feira, vai à Campina Grande, mais precisamente, à sua feira de gado, e aos domingos leva seus animais para a “feirinha” de João Pessoa. Além de comercializar nessas feiras de gado, ele também negocia diretamente com os abatedouros. O Sr. Eraldo explicou-nos ainda que aprendeu esse ofício “olhando os outros a fazer” e que, então, foi “pegando aquela base”. Complementa:

O negócio é sair discutindo preço, né? Uma pessoa chega aqui, numa feira mesmo, né, bota preço, bota tanto numa rês, ai chega outro bota outro preço, ai quando dá pra comprar, dá pra liberar alguma coisa, aí a pessoa compra. Só isto mesmo. (Sr Eraldo, vacaria no vale do rio Cuiá, 11-10-99)

É preciso registrar que, durante a pesquisa, ouvimos muitas reclamações a respeito do desprezo que os poderes públicos estão tendo em relação à feira de gado. Além de não dar nenhum estímulo à sua realização, a partir do ano de 1999, passaram a cobrar uma taxa por cada animal que entra no Parque^{‡‡‡‡‡}. O valor cobrado é de R\$ 1,00^{§§§§§} (hum real) que, quando somado, representa muito no pouco ganho que a maioria dos feirantes tem nos negócios realizados. Explica o Sr. José Augusto, criador de gado de corte no Conjunto Mangabeira:

Costumo ir à feira de gado, mas aqui em João Pessoa está muito fraco. Falta incentivo. João Pessoa não tem uma bacia leiteira melhor, não tem gado de corte melhor porque o governo é uma lástima, não investe, nem a prefeitura. Lá em cima, num parque de exposição daquele que poderia ser uma coisa organizada, é uma coisa completamente desorganizada. Começaram a cobrar agora uma entrada para o gado que entra, mas não deram menor condição, negócio diferente de Campina Grande. Agora estão cobrando oitenta centavos o boi ou vaca, mas como a feira é tão pouco, tem tão pouco gado que o pessoal perde o

***** Refere-se ao Conjunto Habitacional Valentina Figueiredo.

††††† Município localizado no sertão paraibano, distando de João Pessoa cerca de 490 km.

‡‡‡‡‡ Uma outra referência ao pagamento de taxas para o uso da feira de gado foi encontrada no texto já citado de Strauch (1952) em relação às feiras de Arcoverde e de Feira de Santana. Ney Strauch observa que, em Feira de Santana, a feira pertence à municipalidade e lá cobra-se uma “pequena quantia por cada cabeça pesada ou instalada nos currais.” Já a feira de Arcoverde, o “local onde ela está situada assim como todas as instalações, inclusive a grande balança, pertencem ao Sr. Constâncio Maranhão que, juntamente com o Sr. Severino Afonso, são os dois maiores compradores na feira.” Nessa, quando “o gado é vendido ao Sr. Constâncio Maranhão não é cobrado ao vaqueiro ou fazendeiro nenhuma taxa pelo uso da feira; caso contrário, isto é, quando os lotes são negociados por outro comprador qualquer, então há uma taxa obrigatória de dez cruzeiros por cabeça de gado que passa pela balança.” Sendo assim, em Arcoverde, muitas vezes os negociantes preferem vender o gado ao proprietário da feira, mesmo por um preço mais baixo, pois desta forma ficam isentos da taxa. (Strauch, 1952, p.108-109).

§§§§§ Em 1999 o valor cobrado era de R\$ 0,80 (oitenta centavos de real) e, neste ano (2000), aumentou para R\$ 1,00 (um real).

estímulo. A maioria é gente que tem dois três bois para negociar, isto é que me deixa revoltado, porque se ele não tira o imposto direto, mas quando chega no matadouro já passa a cobrar. Se o matadouro não está pagando imposto é porque o governo é relapso, porque a gente sabe fiscal não cobra, estas estruturas mesmo que a gente sabe... Todo domingo tem a feira de gado, cavalo, agora tem as exposições! [...]. Em vez de incentivar procuram acabar, porque quando chega é pra cobrar alguma coisa. O governo cobra e não dá condição, porque poderia incentivar. (Sr. José Augusto, criador de gado de corte, Conjunto Mangabeira, 15/10/99).

No período em que se realiza a Exposição Anual no Parque de Exposição, a feira de gado, que ocorre todos os domingos, acontece do lado de fora, isto é, na rua. O encontro de vaqueiros, produtores de vacas de leite e criadores de animais (bovino, caprino, equino, muars etc.) dá-se de forma espontânea ao lado dos seus animais e caminhões que ali chegam. Havia caminhões, carros, cavalos, burros, carroças e outros animais que se aglutinavam junto aos seus criadores e curiosos. Alguns caminhões descarregavam os animais com uma certa dificuldade. Esses animais são negociados ali mesmo. Conversei com um vendedor que vem de Alagoa Grande. Todos os domingos ele traz animais que, nas suas palavras, são “o refugio da venda de quinta-feira e sábado em Alagoa Grande”. (Sr. José, 21-03-99). Quando a feira ocorre na rua, muitos animais permanecem dentro dos caminhões, pois não há espaço para que possam ser melhor expostos. Dessa forma, a feira mostra-se como uma “descontinuidade significativa no tecido urbano” produzida por um uso diferente e por uma apropriação do espaço. (Magnani, 1996, p.38), pois, a rua, sem denominação e paralela à BR 230, sempre utilizada para trânsito de veículos, nessa ocasião, é ocupada por animais, criadores e negociantes de gado. Há, portanto, nesse uso da rua uma reconstituição do seu antigo sentido: o velho papel de encontros. Nesse momento, mesmo sendo efêmero, a rua deixa de ser mero lugar de passagem ou uma simples via de circulação.

Na feira de gado, existem também algumas barracas vendendo chapéus, esporas, estribos, selas e outros instrumentos utilizados por vaqueiros e criadores. Encontramos um senhor proprietário de uma dessas barracas que vende o que ele mesmo produz. Ele reside na cidade de Alagoa Grande e, aos domingos, traz alguns dos seus produtos para serem comercializados ali em uma barraca montada no seu próprio caminhão. As pessoas que conhecem o seu trabalho costumam encomendar-lhe algum utensílio que ele entrega na feira seguinte. São objetos produzidos de acordo com a vontade de quem o encomenda. É o caso de um senhor que lhe havia solicitado um chicote, ele relatou-nos: “eu nunca tinha feito uma macaca^{*****} dessas, mas um senhor me pediu e aí lembrei do tempo de eu moleque que via os vaqueiros fazendo e acertei. É muito melhor!” (Sr. Bibiu, feira de gado, 30-01-00). As palavras desse artesão^{†††††} demonstram que a fabricação do produto não poderia ter ocorrido sem o conhecimento dos *costumes* e, portanto, dos instrumentos utilizados pelos antigos vaqueiros. Presenciamos neste ato de compra e venda, igualmente como acontece na venda dos animais, a existência de relações interpessoais que não são meramente mercantis, mas que abrangem a política, a família e a saúde. Além disso, há nesse intercâmbio

***** Macaca é um termo utilizado principalmente na região do Brejo para referir-se ao chicote. Já, no sertão, preferem a expressão “rebente”.

††††† Néstor Canclini, na obra *As culturas populares no capitalismo*, abre um debate a respeito do conceito de artesanato e, mais particularmente, sobre a questão da produção artesanal corresponder ou não a uma necessidade do capital. Esse autor adverte sobre a tendência constante em se adotar posturas excludentes: a “tentação folclorista de enxergar apenas o aspecto *émico*, considerando o artesanato apenas como uma sobrevivência crepuscular de culturas em extinção; ou uma outra que se porta como uma reação àquela: “o risco de isolar a explicação *econômica*, e estudá-lo como qualquer outro objeto regido pela lógica mercantil.” (Canclini, 1983, p.71). Pesquisando as mudanças no artesanato e nas festas populares “em povoados da zona tarasca do estado de Michoacán”, no México, Canclini entende que os “produtos artesanais são também, há séculos, manifestações culturais e econômicas dos grupos indígenas” e que esta dupla inscrição, histórica e estrutural é o que produz o seu aspecto híbrido. Desta forma, esse pesquisador procura averiguar quais as modificações que estão ocorrendo “na estrutura interna dos povos indígenas e mestiços, na significação social do artesanato e perceber de que modo as estratégias de reprodução e de transformação do capitalismo influem na produção, na circulação e no consumo do artesanato.” (Canclini, 1983, p.73).

mercantil, a “forma vivaz e pitoresca de diálogo que é a pechincha.” (Canclini, 1983, p.96). Nesse caso específico, o vendedor do objeto era também o seu produtor. Utilizando-nos mais uma vez dos escritos de Néstor Canclini, podemos afirmar que esse tipo de comércio, o do mercado aberto, ainda permite “que se entre em contato com as fontes culturais de certos objetos.” (*id. ibd.*).

Nessa feira, encontramos desde barracas cujos vendedores são os produtores dos objetos, até aquelas que vendem mercadorias fabricadas nas indústrias do interior paulista ou copiadas daqueles modelos representativos da “cultura country” e que são instrumentos e ornamentos usados pelos “agro-boys” e “agro-girls”. Percebe-se que, como escreveu Canclini, os produtos artesanais e os produtos industriais são encontrados tanto em negócios urbanos como em mercados rurais. (Canclini, 1983, p.52). A presença cada vez maior desses objetos, que dizem simbolizar o mundo rural e que compõem a “cultura country” nas feiras e nos mercados, revela aquilo que José de Souza Martins elucidou ao estudar a música sertaneja, isto é, a constatação de um movimento que “intenta “educar” o público para o gosto da “classe” média, pela depreciação e rejeição de certos traços caracteristicamente rurais.” (Martins, 1975, p.128).

Podemos interpretar o espaço da feira de gado como um espaço não só de negócios ou de comércio, mas também um espaço de lazer. Lazer não entendido simplesmente como “reposição das forças dispendidas durante a jornada de trabalho”, mas sim enquanto forma de “entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade.” (Magnani, 1996, p.31). Para José Guilherme Magnani, no qual aqui nos apoiamos, isso não significa dizer que aquela concepção não seja verdadeira, uma vez que a nossa sociedade está dividida em classes, mas o que se pretende destacar é o que ocorre no plano concreto do vivido. Podemos ainda, com base no pensamento do referido autor, reconhecer a feira de gado como um espaço freqüentado por pessoas pertencentes a uma rede de relações que ele denomina de *pedaço*:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani, 1984, p.138).

Ao mesmo tempo em que é espaço de negócios, a feira é também lugar de lazer, de encontro, de manifestação de sociabilidade. Quando indagamos sobre os motivos que os fazem a vir à feira, nossos entrevistados afirmaram: “olhar a feira”, “ver o movimento”, “olhar o gado”, “conhecer o povo” ou “reparar o gado” além daqueles que vêm para negociar. Eles podem vir sozinhos, como também podem vir acompanhados de alguns amigos, filhos ou netos. São raras as mulheres que freqüentam esse espaço. As que encontramos acompanhavam os seus maridos e pouco participavam das conversas, observando um pouco distanciadas. Existem aqueles que vêm todas as semanas, uns, de quinze em quinze dias e outros, uma vez por mês. Constatamos ainda que o maior número de freqüentadores reside nos bairros próximos ao Parque, como Bairro das Indústrias, Funcionários, Mangabeira, José Américo e Valentina, bairros da área sul da cidade. Esses chegam ao parque de ônibus, de caminhão, de carro, de bicicleta ou de carroça, muitas vezes, aproveitando para comprar ração para os seus animais. São habitantes da cidade, mas provenientes do interior do estado, e fazem da feira um local de identificação com a atividade rural, como do lugar de origem. É o que bem demonstra as palavras do Sr. Claudino: “Gosto muito de vir aqui, pois isto aqui tudo me faz lembrar do tempo que morava em Patos e criava gado...!” (Sr. Claudino, 30-01-00).

Muitos vão à feira para lembrar ou para falar do que mais gostam: a atividade pecuária. Mesmo que já não possam mais criar, ali, eles escutam e narram as suas antigas criações. Depoimentos como o do Sr. Claudino, leva-nos a afirmar que costumes rurais são mantidos ou recriados na cidade a partir de dinâmicas específicas de reprodução social e cultural pois, como bem explicou Rosani Rigamonte, “estes locais nos colocam em contato com modos e padrões culturais próprios. E é por intermédio desta conexão que entramos em sintonia com modelos divergentes das

práticas ditas urbanas, pois o contato pessoal e as redes informais de comunicação são de extrema importância para a manutenção destas práticas.” (Rigamonte, 1997, p.25). Esse mecanismo de comunicação é utilizado não só para se ter notícias de chuvas no sertão, preço de ração, mas também para ficar sabendo das vaquejadas ou dos “bolões”^{*****}. É o que disse o Sr. Antônio Severo:

Porque no domingo a gente sempre ia pra feira, sabe? Feira de gado lá da exposição ai lá diziam: hoje tem em tal canto. Todo domingo 9 horas ia pra feira. Ia sempre de carro. Os amigos lá apareciam e sempre ia para o bolãozinho à tarde. Ia pra feira pra encontrar os amigos, ver os negócios. (Sr. Antônio Severo, vacaria no bairro do Bessa, 23/03/99).

Hoje, na feira de gado, já não chegam mais boiadas conduzidas pelos boiadeiros, mas sim caminhões que trazem o gado e o negociante; o abastecimento da cidade não se faz através do gado criado nas redondezas, mas vem de regiões longínquas; a feira já não acontece ao lado da feira geral onde os vaqueiros e fazendeiros aproveitavam para suprirem-se dos produtos necessários, mas nas instalações do parque de exposição; os vaqueiros já não estão mais vestidos com sua indumentária de couro, mas o curral ainda é subdividido de maneira a separar as boiadas de cada fazendeiro ou simplesmente do vaqueiro-negociante ou ainda do “marchante” que comprou o gado no sertão e trouxe-o para vender na feira. Dessa forma, apesar das várias modificações e separações, a feira de gado permite a reunião de homens, seja pela satisfação de lembrar, sonhar e, inclusive, conversar, seja para realizar negócios, são daquele *pedaço*. Por fim, podemos afirmar que, na feira de gado, encontramos permanências de *costumes rurais* que se mantêm presentes na vida cotidiana desta cidade.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3 ed. João Pessoa: A União, 1980.
- BARROSO, Gustavo. **Terra de sol (natureza e costumes do Norte)**. Rio de Janeiro: Benjamim de Aguilã Editor, 1912.
- BENVOLO, Leonardo. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. (Documentário da vida rural n. 9). Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/ Secretaria de Informação Agrícola, 1956.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1970.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões: Campanha de Canudos**. 36 ed. Rio de Janeiro: Brasília: Francisco Alves; 1995.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 20 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- JOFFILY, Irinêo. **Notas sobre a Parahyba**. Brasília: Thesaurus, 1977.
- KIDDER, Daniel. “Os tropeiros e a feira”. In: Riedel, Diaulas (org.). **Os canaviais e os mocambos**. São Paulo: Cultrix, 1959.

***** Tratamos desta atividade quando pesquisamos a *vaquejada*. Cf. MAIA, D. S. . A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: Maria Geralda de Almeida; Alecsandro JP Ratts. (Org.). *Geografia - Leituras Culturais*. 1 ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2003, v. 1, p. 159-183.

KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5, vol. 221).

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lilian de Lucca (Orgs). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp, 1996.

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa-PB**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. (Doutorado em Geografia Humana).

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo (estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil)**. São Paulo: Pioneira, 1975.

MEDEIROS, Gastão de. **Minha terra, minha gente**. João Pessoa: s.e, 1979.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. **Cotidiano e sobrevivência**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

PINTO, Otávio. “O tangerino”. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tipos e aspectos do Brasil**. 10 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. **Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. João Pessoa: A União, 1994.

SOUZA, Elza Coelho de. “Feira de gado.” In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tipos e aspectos do Brasil**. 10 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

STRAUCH, Ney. “Contribuição ao estudo das feiras de gado: Feira de Santana e Arcoverde.” **Revista Brasileira de Geografia**. n.1, ano XIV. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, jan./mar.,1952.

VIEIRA, Sulamita. “Feira: espaço de liberdade ou de ilusões?” **Série Estudos e Pesquisas**. n.7. Fortaleza: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais/ Departamento de Ciências Sociais e Filosofia/ Universidade Federal do Ceará, novembro de 1986.

ZENAIDE, Heretiano. **Palestra com os fazendeiros**. João Pessoa: Popular, 1948.